

## Ocupados, mas insatisfeitos: uma análise do crescimento da subocupação no Brasil<sup>1</sup>

Camila Yuri Santana Ikuta<sup>2</sup>

Gustavo Plínio Paranhos Monteiro<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa a situação de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas, uma das medidas de subutilização da força de trabalho. Traz uma definição do que é subocupação, traça um perfil de quem é o subocupado médio e busca identificar alguns fatores que podem estar relacionados ao crescimento dessa situação no país. Foi verificado que a subocupação é mais frequente entre os menos escolarizados e entre grupos mais vulneráveis na inserção laboral, como as mulheres, os(as) negros(as) e jovens. Cerca de um terço (31,7%) dos subocupados trabalhava em ocupações elementares, 84% estava na informalidade e 75% ganhava até 1 salário mínimo. Alguns dos fatores que podem influenciar as pessoas a declararem a insuficiência de horas são os baixos salários percebidos e/ou diminuição na remuneração e na jornada de trabalho, acontecimentos frequentes entre os subocupados.

**Palavras-chave:** Mercado de Trabalho. Emprego. Subocupação. Jornada de Trabalho.

### Introdução

Este artigo traz uma análise da situação de subocupação, fenômeno crescente no mercado de trabalho brasileiro, que é captado por um indicador contido na Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Na primeira parte do artigo, define-se o que é o conceito de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas, e quais pessoas são consideradas subocupadas. Na segunda parte, foi realizada a análise com base nos dados da Pnad Contínua do 2º e 3º trimestres de 2019, com o propósito de conhecer as características da população subocupada no mercado de trabalho brasileiro. Na terceira e última parte,

---

<sup>1</sup> Este texto foi produzido a partir da publicação do DIEESE: Boletim “Emprego em Pauta” nº 12, de abril/maio de 2019, com dados atualizados. Os autores agradecem a ajuda da economista e técnica do DIEESE Joana Biava.

<sup>2</sup> Técnica do DIEESE e Professora da Escola DIEESE. Doutoranda em Educação (FE-USP).

<sup>3</sup> Técnico do DIEESE. Mestre em Desenvolvimento Econômico (IE-UNICAMP).

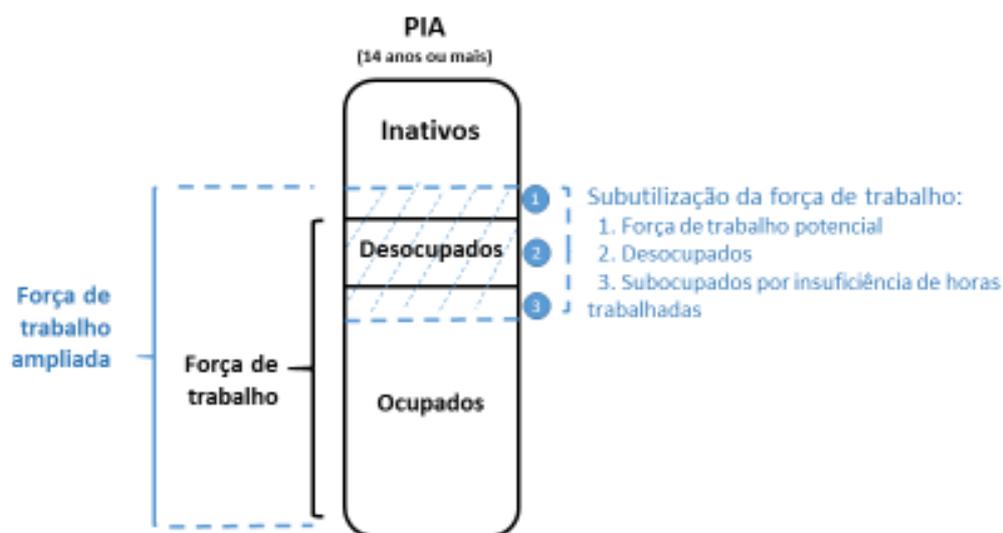
buscou-se identificar quais fatores podem estar relacionados ao crescimento da situação de subocupação no país.

### O que é a subocupação?

A subocupação é uma das medidas de subutilização da força de trabalho, e tem como objetivo identificar necessidades não atendidas de ocupação no mercado de trabalho. É um dos indicadores disponibilizados trimestralmente pelo IBGE desde 2016, quando o instituto buscou se alinhar às recomendações da 19ª Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho (CIET), promovida pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 2013, na qual reconheceram a necessidade de ampliar tanto o conceito de trabalho quanto de expressar a precarização crescente do mercado de trabalho.

A subutilização da força de trabalho possui três componentes: força de trabalho potencial, desocupados e subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Composição da subutilização da força de trabalho e da força de trabalho ampliada no IBGE



Elaboração: DIEESE

São consideradas subocupadas por insuficiência de horas trabalhadas as pessoas com 14 anos ou mais que, na semana de referência da pesquisa,

trabalhavam menos de 40 horas por semana no único trabalho ou no conjunto de todos os seus trabalhos; e que gostariam e estavam disponíveis para trabalhar mais horas<sup>4</sup>. Ou seja, são pessoas que possuem interesse em trabalhar por mais tempo, já que a condição atual não se mostra adequada ou suficiente.

Os dados disponibilizados para análise da subocupação no país são produzidos a partir da pesquisa Pnad Contínua Trimestral do IBGE. Portanto, neste artigo a análise foi feita a partir dos microdados dessa pesquisa.

### **Características da população subocupada**

De maneira geral, o número de subocupados tem crescido, pelo menos desde o final de 2015<sup>5</sup>. Esse crescimento é reflexo do fraco desempenho da atividade econômica que perdura também desde esse período, incapaz de gerar quantidade suficiente de postos de trabalho adequados e que atendam aos anseios dos trabalhadores, principalmente no que se refere à remuneração.

Segundo os dados da Pnad Contínua, no terceiro trimestre de 2019, havia cerca de 7 milhões de trabalhadores que se declararam como subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, conforme exibido no Gráfico 1. Esse contingente representou 7,5% dos ocupados do país (93,8 milhões de pessoas).

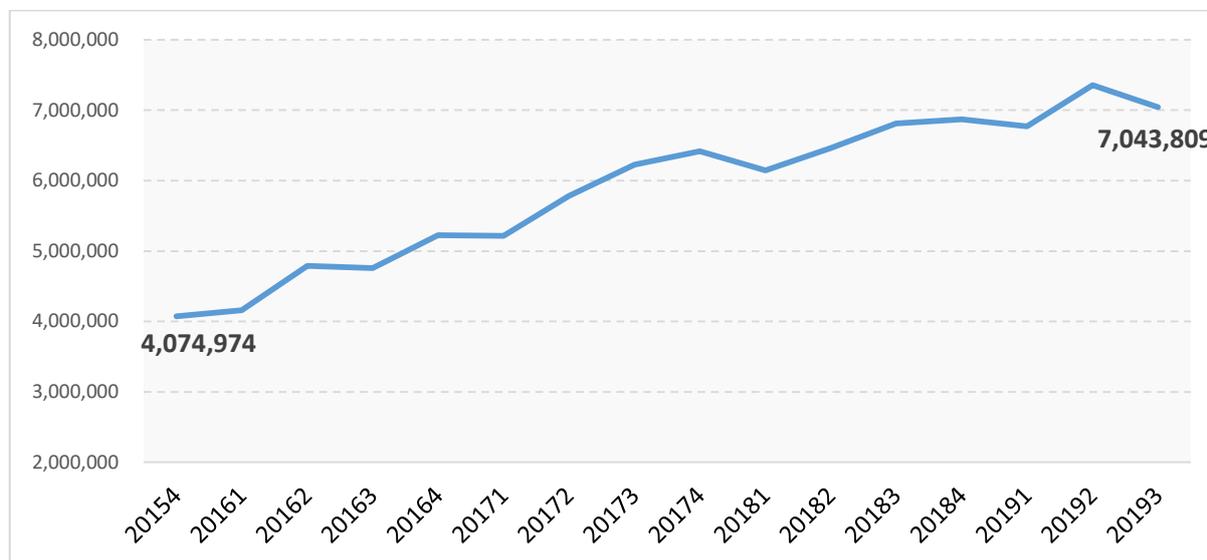
O número de subocupados cresceu 72,9% desde 2015, quando esse total foi estimado em 4,1 milhões de pessoas. Entre os últimos dois trimestres (segundo e terceiro de 2019), ocorreu uma ligeira redução no número de subocupados, de 311 mil pessoas. Mesmo assim, em relação ao mesmo trimestre de 2018, a variação foi positiva em 231 mil pessoas.

---

<sup>4</sup> IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua – Nota Técnica 02/2016 - Medidas de Subutilização da Força de Trabalho.

<sup>5</sup> A partir do quarto trimestre de 2015, o IBGE aprimorou a captação das horas trabalhadas, o que trouxe impactos para os resultados referentes à quantidade de subocupados.

**Gráfico 1 – Evolução do número de pessoas subocupadas  
Brasil, 2015 a 2019 (trimestres) – em números absolutos**



Fonte: IBGE. Pnad Contínua - 4º trimestre de 2015 a 3º trimestre de 2019.  
Elaboração: DIEESE. Extraído em 19/11/2019

Os dados do 3º trimestre de 2019 indicam que boa parte dos subocupados está sujeita a receber baixos rendimentos em ocupações desprotegidas, cujas características desse tipo de emprego serão exploradas a seguir.

A subocupação é mais frequente entre os menos escolarizados, atingindo 10,4% dos ocupados sem fundamental completo. Entre os que completaram um curso de ensino superior, apenas 4,8% estavam nessa situação.

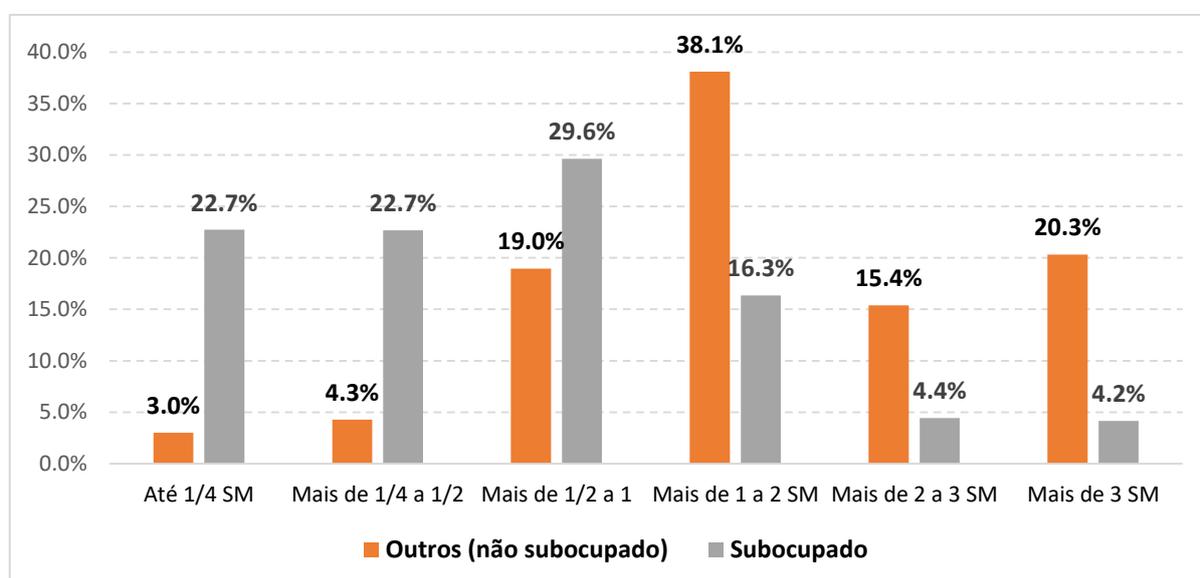
Em termos de atividade econômica, a subocupação é mais comum no setor de Serviços, especialmente nos Serviços Domésticos – que concentram 15,7% do total de todos os subocupados. Outras atividades com presença mais acentuada foram a de Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (13,1%), Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (12,6%) e Educação, saúde humana e serviços sociais (11,6%), segmentos marcados por jornadas atípicas e/ou com mais rotatividade e sazonalidade do trabalho desempenhado.

A remuneração média dos subocupados no 3º trimestre de 2019 era de R\$ 826 (abaixo do salário mínimo vigente, R\$ 998), enquanto, para o contingente de pessoas que não declararam essa situação, a remuneração média foi de R\$ 2.334.

Ou seja, a renda média de um subocupado era apenas 35,4% do que recebiam os que não estavam nessa condição.

Esta diferença significativa pode ser observada também na desagregação por faixa de renda (Gráfico 2), na qual nota-se que 75% dos subocupados ganhavam até 1 salário mínimo. Já entre os que não eram subocupados, 74% ganhava mais que 1 salário mínimo.

**Gráfico 2 – Distribuição dos ocupados, segundo subocupação e faixa de rendimento  
Brasil, 3º trimestre de 2019**



Fonte: IBGE. Pnad Contínua.  
Elaboração: DIEESE. Extraído em 19/11/2019

Na análise por grupamento ocupacional, cerca de um terço (31,7%) dos subocupados trabalhavam em ocupações elementares - definidas como as que exigem pouca qualificação formal e pagam menos, como trabalhadores(as) de limpeza e serviços domésticos, ajudantes na alimentação, construção, etc.

Do total de trabalhadores com contratos formais por tempo parcial (até 30 horas), 12,2% estavam classificados como subocupados. Essa proporção é 31 vezes maior do que entre os demais empregados formais e com contratos de 30 horas ou mais.

Grande parte dos subocupados (84%) estavam trabalhando sem carteira assinada, ou seja, na informalidade. A proporção de informais, considerando o total de ocupados no mercado de trabalho, é de 40,9%. Aproximadamente 42,3% dos subocupados trabalhavam por conta própria, sendo que essa proporção no total de ocupados era de 26%. Apenas 14% dos subocupados por conta própria declararam contribuir para a previdência, enquanto que entre os demais trabalhadores por conta própria, essa declaração era de 31%.

Ainda, essa condição é bastante frequente para grupos mais vulneráveis na inserção laboral, como as mulheres, os(as) negros(as) e jovens. A incidência de subocupadas é maior entre as mulheres ocupadas do que entre os homens – a subocupação atingia 9,2% das trabalhadoras e 6,2% dos homens ocupados. Do total das 7 milhões de pessoas que declararam a condição de subocupação, 53,8% eram mulheres.

Embora somem pouco mais da metade dos ocupados (54,1%), os negros (pardos e pretos) corresponderam a uma proporção bem maior, 66,5%, dos subocupados.

A juventude, aqui considerada como pessoas entre 14 a 29 anos, somam aproximadamente um quarto (25%, ou 23,4 milhões) do total de ocupados no mercado de trabalho. No entanto, entre os subocupados, essa participação era ligeiramente maior: 32,7%, ou 2,3 milhões de jovens.

Apesar da participação expressiva de jovens, a situação é agravada pelo fato de que, entre os 7 milhões de subocupados no 3º trimestre de 2019, quase metade (45,5%) possuíam condição de pessoa responsável pelo domicílio, ou seja, possivelmente chefes de família. Apenas 24% declararam a situação de filho(a) no domicílio pesquisado.

### **Por que as pessoas se tornaram subocupadas?**

Este estudo busca apontar, ainda que de forma inicial, alguns dos possíveis fatores que podem levar trabalhadores(as) a entrarem na situação de subocupados por insuficiência de horas trabalhadas, ou seja, declararem na pesquisa que gostariam de “trabalhar mais horas”.

A análise longitudinal da Pnad Contínua permite averiguar as movimentações que ocorrem no mercado de trabalho, fornecendo pistas sobre o que poderia ter levado os trabalhadores a achar que as jornadas de trabalho eram insuficientes.

Cerca de 4,2 milhões de pessoas deixaram de ser subocupadas entre o segundo e o terceiro trimestre de 2019, mas outras 3,9 milhões entraram nesse grupo, o que resultou na ligeira queda do número de subocupados nesse período.

Do total de trabalhadores que passaram a se declarar como subocupados no terceiro trimestre de 2019, 41,2% não estavam trabalhando no trimestre anterior, isto é, estavam desocupadas ou fora da força de trabalho. Ou seja, essas pessoas conseguiram algum trabalho, porém em condições abaixo de suas expectativas. Isso revela as dificuldades de quem está fora do mercado de trabalho em conseguir trabalho adequado.

Além disso, a forma de inserção dessas pessoas no mercado de trabalho é extremamente desigual. Entre os que começaram a trabalhar como assalariados, 63,5% estavam em situação de informalidade<sup>6</sup>.

Entre o segundo e o terceiro trimestre de 2019, quase 5 milhões de trabalhadores tiveram as jornadas de trabalho reduzidas para menos de 30 horas semanais. Destes, quase 1 milhão ficaram insatisfeitos com essa mudança e declararam que gostariam de trabalhar mais horas.

Outros 118 mil passaram pela mesma situação, quando as jornadas foram reduzidas para abaixo de 40 horas - ainda que tenham permanecido acima de 30 horas. Isso quer dizer que essas quase 1,1 milhão de pessoas já estavam trabalhando, mas tiveram cortes nas jornadas, o que pode ter motivado a insatisfação desses trabalhadores.

Em suma, entre o 2º e o 3º trimestres de 2019, praticamente dois terços dos que se tornaram subocupados (65,9%) haviam passado por uma destas duas situações: (1) estavam sem trabalhar no 2º trimestre, conseguiram arrumar trabalho no 3º trimestre, mas a jornada desse novo trabalho era inferior às suas expectativas (41,2%), ou (2) estavam trabalhando no 2º trimestre mas passaram por uma redução

---

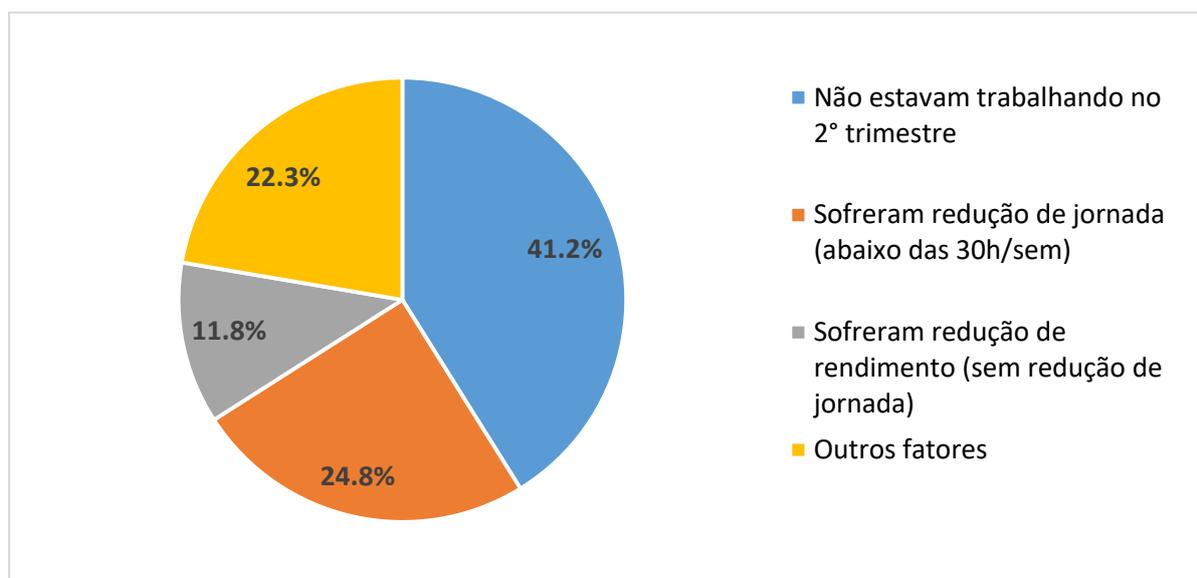
<sup>6</sup> Foram considerados assalariados os empregados dos setores público e privado e os trabalhadores domésticos; foram classificados como informais os assalariados sem carteira de trabalho assinada.

involuntária da jornada de trabalho no 3º trimestre que rebaixou sua jornada para menos de 30 horas semanais (24,8%).

Entre os que se tornaram subocupados, 12% não tiveram redução da sua jornada, mas sim do seu rendimento. Pode-se considerar que esses trabalhadores somados com os que tiveram redução da jornada (25%) formam um grupo bastante significativo de indivíduos que gostariam de trabalhar mais porque passaram a vivenciar uma situação de insuficiência de renda.

**Gráfico 3 – Mudanças na condição de ocupação entre o 2º e o 3º trimestre de 2019, entre os trabalhadores que se declararam subocupados no 3º trimestre**

**Brasil 3º trimestre de 2019 (em %)**



Fonte: IBGE. Pnad Contínua.  
Elaboração: DIEESE. Extraído em 19/11/2019

### Considerações finais

O fraco desempenho da atividade econômica resultou no crescimento do número de trabalhadores subocupados. Esses trabalhadores são mais frequentemente encontrados em postos de trabalho desprotegidos, que exigem baixa qualificação e pagam salários mais baixos.

Além disso, a subocupação por insuficiência de horas atinge de forma mais acentuada alguns grupos mais vulneráveis na inserção laboral. No contingente de 7

milhões de subocupados observados no 3º trimestre de 2019, há expressiva participação de negros(as) e mulheres; mais de um terço deles são jovens; e mais da metade são chefes de família.

Cerca de um quarto dos trabalhadores que se tornaram subocupados o fizeram depois de terem as jornadas reduzidas para menos de 30 horas semanais. O trabalho parcial e os postos de trabalho informais têm proporções muito maiores de subocupados do que as demais formas de contratação.

Inclusive, segundo o IBGE, a subocupação é um fenômeno que merece ser acompanhado com atenção, “[...] tendo em vista a introdução da modalidade de contrato de trabalho intermitente no ordenamento jurídico brasileiro a partir da reforma trabalhista regulamentada pela Lei n. 13.467, de 13.07.2017”<sup>7</sup>.

Este estudo possuiu o objetivo de ir além dos resultados do indicador, que nos leva ao entendimento que é crescente o número de pessoas que gostariam de “trabalhar mais horas”. Alguns dos fatores que podem influenciar as pessoas a declararem a insuficiência de horas são: baixos salários percebidos e/ou diminuição na remuneração e na jornada de trabalho, acontecimentos frequentes entre os subocupados – o que pode levar à necessidade de complementação de renda. Foi verificado, aliás, que 75% dos subocupados ganhavam até 1 salário mínimo, e que recebiam apenas 35%, em média, do que os que não declararam a subocupação.

Na verdade, a “insuficiência” parece estar na capacidade do mercado de trabalho em oferecer postos e condições de trabalho adequadas às demandas dos trabalhadores, o que aumenta a insatisfação destes.

Embora alguns trabalhadores tenham respondido que gostariam de *trabalhar mais horas*, em geral, o que os trabalhadores realmente almejam é desfrutar de *maiores rendimentos*, ou trabalhar em postos de trabalho de melhor qualidade e que remunerem melhor – independentemente do tamanho da jornada.

O crescimento expressivo dessa condição de trabalho desde 2015, que colocou quase 3 milhões de trabalhadores a mais nessa situação, mostra que o futuro não é animador. Praticamente cinco anos depois do início da crise, ainda não foram observadas perspectivas reais de crescimento da atividade econômica no

---

<sup>7</sup> IBGE - Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2019, p. 38.

curto prazo. Pelo lado do mercado de trabalho, a reforma trabalhista incentiva formas de contratação com jornadas consideradas insuficientes pelos trabalhadores, como o trabalho por contrato parcial e o intermitente. Assim, não há nada que indique que o número de subocupados vá se reduzir para os mesmos patamares do período anterior à crise.

## Referências

DIEESE – Boletim Emprego em Pauta nº 12 – *Ocupados, mas insatisfeitos* – uma análise do crescimento da subocupação. Abril/maio de 2019.

IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua – Segundo trimestre de 2019.

IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua – Terceiro trimestre de 2019.

IBGE - Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. 2019.

IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua - Nota Técnica 02/2016. Medidas de Subutilização da Força de Trabalho.